



TIAGO CABEÇA E A BARRÍSTICA
DA PEÇA IMAGINADA
À PEÇA CRIADA
pág. 30

INVER20

NÚMERO 3

ficha técnica | estatuto editorial

DIREÇÃO

Divisão de Comunicação da Universidade de Évora

ISBN

978-972-778-178-2

PERIODICIDADE TRIMESTRAL

3ª edição [junho 2021]

REDAÇÃO

Andreia Rosa, Marco Cardoso, Maria Serrano, Raquel Fernandes

DESIGN

Susana Rodrigues

FOTOGRAFIA E VÍDEO

Hugo Faria, Carlos Espiga

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Reprografia da Universidade de Évora

TIRAGEM

50

PROPRIEDADE

Universidade de Évora

CONTACTO

revistainverso@uevora.pt

Tiago Cabeça ▶

com a sua peça "O rei das bifanas
e o príncipe do cachorro"

É no meio do montado alentejano, em Arraiolos, que nascem as criações de Tiago Cabeça, um artista que tem moldado o seu percurso com a mesma criatividade e mestria com que transforma um pedaço de barro numa obra de arte. O seu cunho singular, que nos permite identificar as peças da sua autoria, é fruto de um caminho ímpar repleto de conquistas e reviravoltas e marcado pela dedicação e fascínio pela arte popular.

TIAGO CABEÇA E A BARRÍSTICA

DA PEÇA IMAGINADA À PEÇA CRIADA



Em 1987 atravessou a “cortina de Ferro” e ingressou no Politécnico de Kiev para estudar Programação de Computadores. “Em Évora ficou disponível uma bolsa de estudo para a URSS. Aparentemente mais ninguém a quis, eu aceitei. Tinha 17 anos e foi uma aventura!”, explica Tiago com um misto de naturalidade e deslumbramento, enquanto recorda que esta experiência “foi mais que uma bolsa de estudo. Foi uma experiência social, creio, que me mostrou sobretudo a grande amplitude de comportamentos e realizações do ser humano”.

“Acho que foi esse maravilhamento, mais que a vontade de estudar ciências exatas, que me manteve alguns anos num país de onde só podia sair no verão de férias, e em que tinha de marcar com uma semana de antecedência uma chamada de cinco minutos para casa”, contudo, o destino encarregou-se de lhe trocar as voltas e, com o fim da União Soviética, Tiago regressa a Portugal e, em 1992, retoma os estudos em Engenharia de Processos e Energia, na Universidade de Évora. No entanto, como o próprio confessa “as ciências nunca foram, de facto, o meu apelo”.

Quando em 1998 visita, em São Pedro do Corval, a Olaria dos Mestres Orlando Guimarães e António Velho, estava longe de saber que aquele momento seria impulsionador da sua carreira artística.

Seja pelo peso das suas origens, seja pela sua vocação para a prática artística, Tiago traça uma nova rota, sem um destino definido, mas com a convicção de que o percurso, tal como o barro, se vai moldando de forma intuitiva.

“Resolvi trazer barro para casa para fazer peças utilitárias de olaria, como pratos, potes, cinzeiros... mas como não saía nada de jeito coloquei essa ideia de parte”. E assim iniciou a sua aventura na tradição milenar da olaria, cujos processos se mantêm, até à atualidade, praticamente inalterados.

Ontem, como hoje, a argila, forma mais pura do barro, encontrada abundantemente na terra, transforma-se em ânforas, vasos, potes, que, mais do que que objetos quotidianos, são testemunhos de mãos longínquas que sobreviveram à passagem do tempo.

Mas, nem só de peças utilitárias vive a olaria. O processo de modelação ancestral, replicado continuamente, geração após geração, originou também a olaria criativa, uma manifestação artística complexa, capaz de expressar os sentimentos e anseios que habitam a imaginação, faculdade que, até aos dias de hoje, nos move e alimenta.

É, precisamente, neste campo fértil da imaginação que Tiago viu florir a sua veia artística “Comecei a fazer figuras. De início um bocado envergonhado, por estar a fazer “bonecos” com a minha idade (na altura quase 30 anos); não parecia coisa séria. Mas fui ganhando confiança, a família e os amigos gostavam, e assim se começou a tornar coisa mais séria”.

Um ano mais tarde, muda-se para o, então, recém-inaugurado curso de Artes Plásticas e começa a dar os primeiros passos na vida profissional de artista e expõe as suas primeiras criações. Cerca de dezena e meia de peças, a que chamou “A procura de um corpo” que o confrontam, enquanto artista, com a



essência



▲
"Presépio"
Tiago Cabeça

procura da sua identidade no vasto mundo das Artes.

“Logo aí nessa altura se estabeleceu a escolha entre dois caminhos artísticos: o da chamada arte erudita contemporânea ou o que se convencionou chamar (erradamente) de artesanato que na realidade é Arte Popular. Artesanato é o processo de reproduzir ou copiar objetos, porventura manualmente. Ou seja, sem criar nada de novo, sem criatividade. Arte, sim, é a conceção original e criativa de um objeto. Arte erudita pressupõe uma aprendizagem de processos, porventura académica. Arte popular é criatividade *naïf*, ingénua sem estudos ou academismo”, esclarece Tiago.

Foi por entre estes universos distintos que navegou até encontrar o seu lugar “Eu nessa altura fiz a escolha do universo da arte popular figurativa e também me tornei um artesão. Sempre que crio um presépio diferente, por exemplo, sou um artista popular. Sempre que o reproduzir cinquenta vezes, sou também um artesão. Isso acontece muito, mas nem sempre. Muitas são peças únicas”.

É esta liberdade de criação que valoriza no seu trabalho e no percurso que traça há mais de duas décadas. “O mercado da arte popular é menos exigente que o mercado da arte contemporânea. Também se poderá dizer que é mais livre. Não estaremos porventura tão à mercê de clientes ou galeristas. Fazemos

peças pequenas que se podem vender com facilidade em qualquer feira ou pequena exposição. As peças são mais baratas, geram menos retorno, mas o leque de clientes é consideravelmente maior”.

E, apesar das temáticas procuradas por esses clientes serem sobretudo as caricaturas e as temáticas religiosas, o seu trabalho artístico, conhecido por ser contemporâneo, é original e inconfundível. “Os artistas e artesãos ou copiam modelos de sucesso que existam (Estremoz,

Barcelos, etc.), sem que isso os leve muito longe na profissão, ou interpretam-nos. E neste caso a trabalhar fazem a diferença entre si porque cada um tem o seu traço, quer se queira quer não. O traço de cada um é individual e normalmente reconhecível”.

O repertório original de Tiago demonstra-o. O seu traço marcado, que o tempo foi suavizando e tornando mais delicado e subtil, dá vida a tudo aquilo que povoa a sua imaginação. “A arte é uma expressão. A idade altera-a. No começo da juventude temos a expressão “à flor da pele”. Depois vai-se tornando mais madura e discreta”, explica Tiago, artista e alquimista, capaz de transformar, através do barro, a fantasia em realidade.

“Criar é um exercício de liberdade e paixão. Ou seja: podemos pensar a obra, mas é no decorrer da elaboração que ela surge. Atua-se. Escolhe-se um

“Artesanato é o processo de reproduzir ou copiar objetos, porventura manualmente. Ou seja, sem criar nada de novo, sem criatividade. Arte, sim, é a conceção original e criativa de um objeto.

tema e desenvolve-se. O traço de cada um surge por si porque cada pessoa tem a sua forma de fazer as coisas, de manipular o barro, de sentir um tema. Não se ensina. Faz-se”, revela Tiago acerca do seu processo criativo.

“O resto é o processo da cerâmica normal de qualquer olaria ou atelier: amassar o barro, modelar a peça, secar durante dias ou semanas, cozer em forno cerâmico entre os 800 e os 1000°C, pintar a seguir ou, se for o caso, esmaltar, vidrar, engobar e voltar a cozer estas coberturas”.

E são estes detalhes que expressam a individualidade que reside dentro de cada um. “Acredito que existe mercado para todo tipo de expressão.”, acrescenta. “Portanto a opção será fazermos o que gostamos ou o que dá mais dinheiro. Raramente se consegue o pleno de ambas as coisas. Eu nunca consegui trabalhar exclusivamente em função do dinheiro. Escolhi sempre a liberdade de fazer o que gostava”, confessa Tiago.

E o seu percurso profissional e artístico é a prova disso mesmo. Abriu atividade artística e artesanal e fundou diversos projetos que lhe deram a possibilidade de viver da arte. “A Oficina da Terra foi o meu primeiro atelier/galeria de arte, em Évora. Iniciei em 2001 e estive de portas abertas na elaboração, exposição, e concretização de encomendas e peças de arte até 2013.” Ano em que as quatro paredes do atelier se tornaram demasiado pequenas para acolher um projeto maior, levado a cabo desde 2011: A Aldeia da Terra.

Também conhecida como a Aldeia mais Caricata de Portugal, este jardim de esculturas a céu aberto pôs Arraiolos no mapa da cerâmica artesanal e o seu figurado de barro no imaginário dos mais de 60 mil



visitantes que recebeu até 2017, ano em que fechou portas. “Foi declarada de interesse cultural pelo ministério da cultura e quatro ministros da cultura distintos. Nunca foi deficitária, foi sempre um projeto autossustentado, que gerou retorno e um sucesso de popularidade. Mas dava imenso trabalho.” E Tiago tinha outros sonhos. Este, permanece vivo em cada um dos seus visitantes e para o artista, “Valeu por cada dia que esteve aberto. De qualquer forma são projetos que continuam de forma imaterial, pois o meu trabalho de investigação atual baseia-se neles e dá-lhes continuidade”.

Nos últimos anos apostou no seu percurso académico, também ele ligado ao barro. Investigador e historiador, está desde 2018 a desenvolver o tema da Criatividade na Arte barroca, enquanto doutorando do HERITAS – Estudos de Património, um programa doutoral em associação, integrado pela Universidade de Évora e a Universidade de Lisboa.

Para Tiago, o barro é mais do que a matéria que lhe passa pelas mãos, é mais do que uma herança cultural ou tradição, é uma forma de expressão, é o elemento através do qual representa o seu imaginário criativo. “Creio que a arte é uma expressão e quem a faz necessita de o fazer. Gosta. Tem paixão por isso. Nunca me considerei continuador ou guardião de tradições. Faço porque gosto. Tenho uma expressão própria, reconhecível, que as pessoas valorizam. Por sorte até me pagam. Num mundo onde cedemos, todos os dias, a nossa felicidade e a nossa liberdade para garantirmos o nosso sustento e dos nossos filhos, sinto-me afortunado por poder viver daquilo que me apaixona e liberta. Todos os dias estou grato por isso. É uma sorte que eu tento retribuir no meu trabalho a quem o aprecia”.



Sobre o investigador

Tiago Cabeça é Licenciado em Artes Visuais (2016), Mestre em Práticas Artísticas (2018) e Investigador no Centro de História de Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora (CHAIA). Tiago Cabeça é Ceramista, Designer e um dos artistas plásticos mais conceituados no panorama da Cerâmica Figurativa e Caricatura de Humor em Portugal. Fundador do projeto Aldeia da Terra, o primeiro parque temático escultórico de autor em Portugal, encontra-se, atualmente, dedicado ao tema da Criatividade na Arte Barrística na sua tese de Doutoramento em História da Arte, no Instituto de Investigação e Formação Avançada da Universidade de Évora (IIFA).